

Jornal do Movimento de
Reintegração das Pessoas
Atingidas pela Hanseníase

Agosto/Setembro de 2004
Ano I • Nº 01

Morhan



“Acelerando a Eliminação da
Hanseníase no Estado do
Rio”, Uma parceria do
MORHAN com a Secretaria
Estadual de Saúde do RJ

Pág. 09

Entrevista com Cristiano
Torres, membro da Comissão
de Colônias do Ministério da
Saúde e voluntário do
MORHAN

Pág. 10



Morhan 23 anos de luta pela eliminação da hanseníase no Brasil

Pág. 06

A volta do Jornal do Morhan

Para eliminar a hanseníase no país, uma das estratégias primordiais do Morhan diz respeito à comunicação, à educação popular e à pressão política. Esses campos se unem para esclarecer a população de que a doença tem tratamento e cura, de que pessoas que tem ou tiveram a doença têm direito à atenção integral à saúde e a exercer toda a sua cidadania.

O Jornal do MORHAN sempre foi um dos grandes instrumentos históricos do movimento. Parado há alguns anos por falta de financiamento, o Jornal foi sempre uma das metas primordiais da diretoria. Graças há um apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, será possível editar 3 números, e durante isso teremos um grande esforço para manter o apoio ou conseguir novos.

O Morhan está em festa pela reedição de seu jornal, cujo objetivo é proporcionar um debate a cerca da hanseníase e de seus males e efeitos gerados na sociedade, como também alertar a população quanto aos altos índices da doença ainda existente no país. Por outro lado, visa a troca de informação entre os núcleos e o trabalho de formação dos mesmos. O Jornal estará embutido em uma política de comunicação da entidade, que entre outras coisas, cuidará ainda da *home-page* da entidade, que também recebe apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Muitas coisas aconteceram desde o último jornal editado. Estaremos fazendo um grande esforço para

resgatar todos esses acontecimentos. O que não puder ser colocado no Jornal, estará indo para a *home-page*.

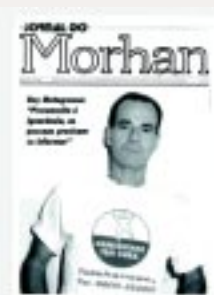
Nesta edição, que marca a volta do Jornal, nossos leitores poderão conferir uma matéria sobre a atuação do Morhan em seus 23 anos de vida, a hanseníase ao longo dos anos, o que andam fazendo nossos núcleos, hoje espalhados em 24 estados brasileiros, como também poderão saber como o Morhan vem se mobilizando nacionalmente pelo país afora no combate a doença e na luta pelos direitos humanos.

O Jornal do Morhan volta com toda força, mostrando a importância do movimento na sociedade e na luta contra uma doença que já poderia ter sido eliminada no país se tivesse sido colocada antes na agenda política de nossos governantes.

Um grande abraço para todos os voluntários, os simpatizantes e colaboradores do MORHAN.

Artur Custódio

Coordenador do Morhan nacional



EXPEDIENTE

Morhan Movimento de Reintegração das Pessoas atingidas pela Hanseníase

Endereço: Rua do Matoso, N° 6, Grupo 205
Praça da Bandeira – Rio de Janeiro/RJ – CEP 20270-130
Telefones: (21) 2502.0100/2502.0074
Email: morhan@morhan.org.br
Site: www.morhan.org.br

Jornalista Responsável: Katia Machado (MT-RJ 21905)
Editoração: www.arsventura.com.br
Tiragem: 16.000 exemplares
Distribuição Gratuita/Circulação Dirigida

Capa: XI Encontro Nacional (2003)

Apoio:



SUMÁRIO

EDITORIAL	02
RESUMO HANSEN	03
UM PASSEIO PELOS NÚCLEOS	04
MATÉRIA ESPECIAL	06
RIO SEM HANSENÍASE	09
ENTREVISTA	10
VOLUNTARIADO	11
ARTIGO/CARTAS	12

É permitida a reprodução das matérias publicadas desde que a fonte seja citada.

Embaixador da OMS pela eliminação da hanseníase em visita ao Brasil

O Morhan e o Ministério da Saúde (MS) receberam em Brasília, no mês de junho, Yonei Sasakawa, embaixador da Organização Mundial da Saúde (OMS) para eliminação da hanseníase e presidente da Fundação Sasakawa, que agrega ainda a Fundação Nippon, criada em 1962 para acabar com a doença em todo mundo e diminuir com o preconceito presente na sociedade. Junto com o Fundação Novartis, a Nippon vem realizando distribuição gratuita, em escala mundial, do medicamento contra a hanseníase.

A visita de Sasakawa ao Brasil teve como objetivo alertar o poder público quanto à necessidade de ações urgentes no combate à hanseníase. “A proliferação da doença no país é resultado da falta de empenho do poder público e da sociedade brasileira”, afirmou em entrevista à imprensa. Ele chamou atenção para o fato de o Brasil ser um dos seis países do mundo que ainda não conseguiram reduzir a doença ao patamar aceitável de menos de um caso para cada dez mil habitantes. “Outros 116 países já cumpriram a meta”, informou.

Sasakawa e sua comitiva tiveram uma agenda



intensa junto com o Morhan e o Ministério da Saúde. Entre as atividades realizadas, Sasakawa juntou-se ao Ministro da Saúde, Humberto Costa, que reafirmou o empenho do governo no combate à doença. Desta reunião, participaram, Artur Custódio, coordenador do

Morhan nacional, Leda Dantas, do Conselho Nacional de Saúde, Rosa Castália, coordenadora do programa de combate à hanseníase da Secretaria de Vigilância em Saúde do MS (SVS/MS), Jarbas Barbosa, secretário da SVS/MS e Expedito Luna, diretor do departamento de Vigilância Epidemiológica da SVS/MS.

Sasakawa, juntamente com Artur e o Voluntário do Morhan Ney Matogrosso, foram recebidos pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva. Artur fez questão de mencionar a importância do Morhan e frisar a necessidade do Brasil colocar a doença na agenda de Direitos Humanos.

Ao final de toda a agenda, Sasakawa demonstrou interesse em auxiliar o Morhan Nacional para manter o Telehansen® que desde junho está sem financiamento. O Telehansen® foi totalmente apoiado pela fundação Novartis da Suíça nos últimos anos.

“Fique de Olho” em Araguaína (TO)

Tocantins tem uma das maiores taxas de prevalência da hanseníase no país, cerca de quatro vezes maior do que a média nacional (2,77 por 10.000 habitantes). Preocupados em diminuir esse índice, foi realizada na cidade de Araguaína (TO), no mês de junho, a semana “Fique de Olho”. Araguaína, segundo dados do Sinan 2003, tem 145 casos por 10.000 habitantes de prevalência.

O evento, idealizado e patrocinado pela secretaria municipal de saúde de Araguaína, coordenado pela enfermeira Chrissandra e com a colaboração do Hospital de Doenças Tropicais do Estado do Tocantins (HDT), teve como objetivo sensibilizar e mobilizar a comunidade local no combate à hanseníase, incentivando assim a detecção precoce dos casos pela própria população.

O “Fique de Olho” começou com uma caminhada, saída do HDT em direção à Praça das Nações, em Araguaína. Paralelamente, realizou-se atividades de educação em saúde, voltadas para detecção precoce dos casos e encaminhamento para as unidades básicas de saúde (UBS), palestras, distribuição de folderes em escolas e empresas e apresentações teatrais, visando orientar a população sobre os cuidados gerais de controle e prevenção da doença. Contou com a presença do coordenador nacional do Morhan, da atriz e voluntária do movimento Elke Maravilha, Magda Levantezi, do Ministério da Saúde, e do oftalmologista Marcio Sued.

Mais detalhes na home-page do Morhan www.morhan.org.br.

Ney Matogrosso em entrevista a TVE

“A hanseníase precisa ser banalizada”. A afirmação do cantor Ney Matogrosso, voluntário do Morhan, foi feita ao repórter do Jornal Visual da TVE, em uma matéria sobre a atuação do Morhan e seus parceiros. Para Ney, se os números de pacientes portadores da doença ainda é grande no país é porque durante muito tempo faltou empenho do governo no combate à hanseníase. “Eu fui algumas vezes falar com Serra (José Serra, ex-ministro da Saúde) e ele falava comigo de cabeça baixa”, disse ao jornal Visual, mostrando um descaso do antigo governo em relação à doença. Em entrevista, o cantor alerta para a necessidade de ampliar o número de campanhas educativas e de informar a sociedade quanto a forma de contágio e cuidado da doença. “A sociedade civil precisa ser informada. Quem tem que transmitir informação é o governo”, afirmou. Ao ser perguntado se hoje o governo mostra-se empenhado em diminuir com a incidência da hanseníase, Ney conclui que “o atual Ministério da Saúde mostra-se sensível ao assunto”. Mas acha que ainda muito pouco foi feito.





Brasília realiza pesquisa na rodoviária

Entre as várias ações de combate à hanseníase, o núcleo do Morhan de Brasília “Estrela do Oriente” realizou no mês de junho uma pesquisa na rodoviária do distrito federal para identificar a incidência da doença na capital. Esse trabalho, por meio do qual evidenciou que a região centro-oeste apresenta a terceira maior taxa de incidência da doença no país, ficando atrás das regiões norte e nordeste, teve como objetivo medir o impacto da campanha nacional de combate à hanseníase, lançada em janeiro pelo Ministério da Saúde e apoiada pelo Morhan nacional.

A pesquisa foi realizada com 400 pessoas e foi realizada por um grupo de voluntários, estudantes da Universidade de Brasília (UNB), em todos os pontos de saída dos ônibus da rodoviária para as cidades satélites. Os dados da pesquisa foram consolidados pelo estudante de estatística da Universidade de Brasília (UNB), Jorge Eduardo Braga Neto. Para Adeuzinha Jerônimo Ribeiro Dias, coordenadora do núcleo em Brasília, esse trabalho representa o início de uma luta de combate à hanseníase. “Mesmo depois de terminada a campanha, continuaremos na luta, levando ações de intensificação contra a doença na cidade,” disse.

Sobral nos últimos meses

O núcleo do Morhan em Sobral, após uma mudança na coordenação (ocorrida em janeiro, devido a transferência do até então coordenador para outra cidade), dá continuidade as atividades de controle e combate à hanseníase na cidade. Hoje, instalados em local mais amplo e próximo ao ambulatório de referência de Sobral, passam a receber com maior acolhimento portadores da doença ou pessoas que queiram obter esclarecimentos. Exemplo desse trabalho pode ser conferido com a recente reintegração de uma ex-paciente de hanseníase à sociedade. Incluída no trabalho do núcleo, a mais nova colaboradora está ensinando crianças que por algum motivo não estão freqüentando a escola.

O núcleo agregou ainda à equipe de especialistas uma massoterapeuta que atende pelas manhãs às pessoas portadoras de hanseníase, como também de tuberculose, Aids, pacientes com câncer, ou seja, a todos aqueles que enfrentam problemas de depressão da comunidade local. O trabalho visa oferecer não apenas apoio físico, como também psicológico. Associado à massoterapia, o Morhan de Sobral pretende formar grupos de auto-ajuda.

Campanha do Morhan detecta novos casos de hanseníase em Carmo

A cidade de Carmo, no estado do Rio de Janeiro, recebeu no mês de agosto a equipe do Morhan em mais uma ação de controle e combate à hanseníase. A campanha, que contou com o apoio da Secretaria Estadual de Saúde, teve como objetivo a identificação de novos casos da doença e sensibilizar os profissionais da região para o tratamento da doença. Para tanto, foram realizadas palestras com agentes de saúde do município e estudantes de medicina e enfermagem. Além de apresentações teatrais em escolas, ônibus, circos e igrejas.

Segundo Artur Custódio, essa iniciativa além de diminuir com o preconceito e a falta de informação, ajudou a detectar alguns novos casos. “Em poucos dias, foram detectados 6 novos casos de hanseníase, sendo que até então, só haviam 2 em tratamento na cidade”, esclareceu.

Mediante o sucesso da campanha do Morhan, a secretaria municipal de saúde de Carmo já pensa em fazer um trabalho fixo de prevenção à hanseníase no local. Essa é uma grande vitória do movimento que tem como princípio a promoção e prevenção da doença.

Lançamento do Morhan em Pernambuco

Com o tema “Morhan Pernambuco - Rearticular Para Construir”, foi realizado, no dia 20 de maio, o seminário de lançamento do núcleo do Morhan em Pernambuco, na cidade de Recife. O evento, que teve como objetivo sensibilizar a sociedade para o problema da hanseníase e envolvê-la nas ações de combate à doença, aconteceu no Teatro Jorge Lobo, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A atriz e voluntária do Morhan nacional, Solange Couto, esteve presente abraçando a causa.

Na abertura do evento, Vera Andrade, da Organização Mundial de Saúde (OMS), Rosa Castália, da coordenação de combate à hanseníase do Ministério da Saúde (MS), Andréa Torres, da secretaria estadual de saúde de Pernambuco (SES/PE) e Mecciene Mendes, da secretaria municipal de Saúde de Recife (SMS-Recife), falaram sobre “os sinais vermelhos da hanseníase”. Além deles, participaram Artur Custódio, coordenador do Morhan nacional, e Carlos Silvan, da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular (Aneps), que expuseram sobre o tema “Triálogo, Movimentos Sociais: o papel e o lugar na formulação de políticas públicas”.

O evento foi encerrado com a apresentação de um grupo de adolescentes da “Creche Vivendo e Aprendendo”, do estado de Pernambuco.



Fortaleza faz parcerias no combate à hanseníase

Trabalhar em conjunto com universidades no combate à hanseníase. Essa é uma das propostas do núcleo de Fortaleza. No mês de junho, realizou junto com a Universidade de Fortaleza (Unifor), atividade de conscientização da doença na comunidade do Dendê. Esse trabalho serviu para mobilizar a comunidade a realizar uma campanha de combate à hanseníase, com o apoio dos alunos de enfermagem da universidade, e de preparar os atuais discentes na assistência aos enfermos e no combate à ignorância e ao preconceito em torno da doença.

Além da parceria com a universidade, o núcleo de Fortaleza reuniu-se recentemente com a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps) para a realização de uma oficina de trabalho sobre a hanseníase, informando e educando a população de Fortaleza.

O movimento participou ainda do evento “Moradias adequadas à terra urbana”, em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos do Estado do Ceará. Esse trabalho teve como objetivo definir uma política de moradia para população de baixa renda na região metropolitana de Fortaleza.



Há 23 anos, o movimento eliminação da

Voluntários ilustres



Atriz Elke Maravilha



Músico Targino Gondim



Cantor Ney Matogrosso



Atriz Solange Couto

“**A**ntes do Morhan, andávamos de cabeça baixo. Hoje, caminhamos de cabeça erguida, pois nos reconhecemos parte da sociedade”. A afirmação feita por Cristiano Torres, Coordenador Estadual do Morhan no Pará, chama a atenção para a importância do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase no combate não apenas à hanseníase como também ao preconceito em torno da doença.

Criado em 06 de junho de 1981, o Morhan tem hoje representações em 24 estados do país, por meio de seus núcleos, e atinge a mais de 100 comunidades. É a primeira organização formada no mundo por pessoas que tinham hanseníase e voluntários mobilizados na eliminação da doença e no combate ao preconceito em torno dessa enfermidade. Entre os voluntários, destacam-se anônimos e artistas como Ney Matogrosso, Ney Latorraca, Solange Couto, Lino Vilaventura, Siron Franco, Targino Gondim, Karla Karenina, Elke Maravilha e Néelson Freitas.

A difícil tarefa de “banalizar a doença, ou seja, de informar a sociedade que a doença tem tratamento e cura, colaborando para a sua eliminação”, como afirma Ney Matogrosso, é a principal meta do Morhan. Para tanto tem como objetivos:

- ▶ Ajudar a curar, reabilitar e reintegrar socialmente pessoas que contraíram a doença;
- ▶ Impedir que pessoas com hanseníase sofram restrições em seu convívio social (no emprego, na família e em qualquer outro ambiente);
- ▶ Contribuir para que as pessoas que têm ou tiveram a doença conquistem o pleno exercício da cidadania;
- ▶ Lutar para que os antigos hospitais-colônias (locais onde eram isolados todos os portadores de hanseníase, entre as décadas de 30 e 60) sejam transformados em hospitais gerais, hospitais especializados, centros culturais e de lazer, ou seja, em ambientes adequados a qualquer pessoa independente de sua doença, dando qualidade de vida a todos que residem lá.

Essa tarefa se justifica pela alta incidência da hanseníase no Brasil, que em 2003 registrou um total de 79.908 casos de hanseníase, com taxa de prevalência de 4,52 por 10.000 habitantes, diagnosticando 49.026 casos novos de hanseníase (recorde de todos os anos) ou seja, 2,77 por 10.000 habitantes. No entanto, para a Organização Nacional de Saúde (OMS), a taxa ideal seria de menos de um caso para cada grupo de 10 mil habitantes. Só assim a doença estaria eliminada em um país.

Na luta pela diminuição desses índices, o movimento vem atuando em campanhas de prevenção e controle da hanseníase, articulando-se com Ministério da Saúde e mobilizando-se em ações educativas e informativas por meio de seus núcleos locais.

“Antes do Morhan, andávamos de cabeça baixo. Hoje, caminhamos de cabeça erguida,

Luta pela hanseníase no país

A hanseníase ao longo dos anos

As referências escritas mais antigas sobre a doença datam de 600 a.C. e procedem da Índia que, juntamente com a África, pode ser considerada o berço da hanseníase. No Brasil, os primeiros casos de hanseníase foram notificados no ano de 1600, na cidade do Rio de Janeiro, onde anos mais tarde seria criado o primeiro Lazareto (local para abrigar os doentes de Lázaro, lazarentos ou leprosos como se designava naquela época). Outros focos da doença foram identificados também na Bahia e no Pará.

Com o surgimento em alguns estados da doença, autoridades da Colônia solicitaram providências a Portugal. Mas, não foram atendidas. As primeiras iniciativas do Governo Colonial só foram tomadas dois séculos depois, com a regulamentação do combate à doença, por ordem de D. João V. As ações de controle, porém, se limitaram à construção de locais de isolamento e à assistência precária aos doentes.

Devido à aparência física do doente não tratado, como as lesões ulcerantes na pele e as deformidades nas extremidades, a doença foi descrita por anos (diria, séculos) com muito horror. “Leprosos”, como eram conhecidos aqueles que contraíam a doença, eram excluídos do convívio social e isolados em lugares distantes (marcando a formação dos “leprosários”). O isolamento, junto com o óleo de chaulmoogra, medicamento fitoterápico natural da Índia, que era administrado através de injeções ou por via oral, eram as únicas formas de tratamento aplicadas até a década de 40 do século 20.

Excluir o “leproso” passou a ser questionado a partir do avanço dos medicamentos quimioterápicos e da descoberta, por meio da pesquisa quantitativa e de laboratório, de que o isolamento não diminuía o número de casos. Algumas ações possibilitaram descobertas de tratamentos mais eficazes da doença no país, mas não ainda a eliminação dela. Destacaram-se nesse contexto:

- ▶ A criação do Laboratório de Leprologia, em 1927, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). A iniciativa foi do hansenologista brasileiro Heraclides César de Souza-Araújo, cientista do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), com o objetivo de cultivar o bacilo e encontrar a cura para os doentes e um novo método de tratamento.
- ▶ A criação do Ministério da Educação e Saúde, após a Revolução de 30. Nesse período, foi adotado um novo modelo de controle da doença a nível nacional, o chamado “modelo tripé”. O nome era porque o tratamento estava fundamentado em três bases: o leprosário, o dispensário e o preventório. Ou seja, o infectado deveria ser tratado no leprosário, o comunicante (aquele com indicativos de manifestação da doença) no dispensário e os filhos dos infectados no preventório.



Francisco Augusto Vieira Nunes, o Bacurau, fundou o Morhan, em junho de 1981, com um pequeno grupo de portadores de hanseníase. Bacurau foi incentivado pelo sociólogo norte-americano Thomas Frist, fundador da Sorri Brasil e presidente da ILEP, para atuar na defesa dos direitos e inserção social dos atingidos pela hanseníase. Em 1997, Bacurau morreu, aos 58 anos. Deixou, porém, mais que um exemplo, deixou um legado de lutas e inconformidade com as injustiças.



pois nos reconhecemos parte da sociedade” - Cristiano Torres

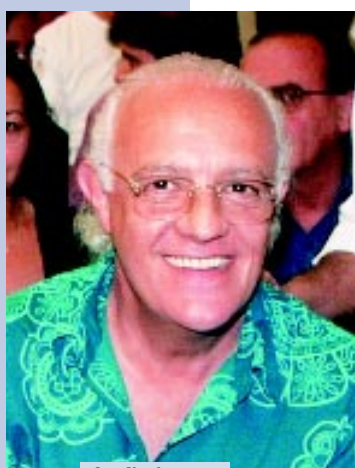
Voluntários ilustres



Estilista Lino Villaventura



Artista Plástico Siron Franco



Ator Ney Latorraca

Ao contrário do que se esperava, o número de casos da doença aumentaram devido à busca ativa dos doentes. Talvez por isso, e por falta de maiores conhecimentos, o isolamento ainda foi mantido como forma de tratamento. Somente com os avanços da indústria químico-farmacêutica e o emprego da sulfona no final da década de 1940 nos infectados internados, aliado ao avanço nas pesquisas laboratoriais que priorizavam conhecer a “vida” do bacilo e as possibilidades ou não de sua sobrevivência fora do meio humano, pesquisadores puderam comprovar que o isolamento não detinha a doença e não se justificava.

Paralelamente, foi deliberado no 7º Congresso Internacional de Lepra, realizado em 1958, em Tóquio, que a forma de contágio não era hereditária e havia possibilidade de cura com os antibióticos e sulfas e que, portanto, o isolamento em leprosários não deveria ser mais recomendado como forma fundamental de tratamento.

Apenas alguns anos mais tarde, em 1962, com a aprovação do decreto nº 968, de 7 de maio, o Brasil eliminou a prática do isolamento (apesar de alguns estados como São Paulo descumprirem a lei). Mas o marco de que “leprosos” não precisavam ser isolados veio com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1970, que recomendou o emprego da poliquimioterapia no Brasil. Junto a essa recomendação, movimentos sociais se articulavam para minimizar o preconceito e o estigma contidos no termo “lepra”. A luta foi válida. No mesmo ano, foi abolida oficialmente, no país a palavra “lepra”, passando a ser designada como “hanseníase”.

Mudar o nome foi estratégia fundamental e forma de caracterizar devidamente a doença. Afinal, na Antigüidade, a palavra “lepra” significava em grego “escamoso” e designava doenças que hoje conhecemos por psoríase, eczema e outras dermatoses. Além disso, o nome foi durante anos associado às idéias de impureza, vício, podridão, nojeira, corrupção e repugnância. A doença recebeu o nome de “hanseníase” em homenagem a Gerhard Armauer Hansen (1841-1912), médico norueguês que descobriu, em 1873, o micróbio causador da infecção. Para ele, “lepra” era uma palavra e não uma moléstia. “Nunca acreditarão que lepra se cura. Palavra não se cura”, alertou na época.

Apesar de eliminado o isolamento como forma de tratamento e mudado o nome da doença como forma de provar que a enfermidade tem cura, muitos eram os doentes isolados e internados há anos. A 8ª Conferência Nacional de Saúde, na década de 80, chamou a atenção para o problema. No evento foi questionado o que fazer com essas pessoas, muitas delas sem família. Depois da conferência, alguns leprosários foram transformados em hospitais gerais, como é o caso do Hospital de Curupaiti, no Rio de Janeiro, e outros em centros de pesquisa, como é o caso do Sanatório Aymorés, que se transformou no Instituto Lauro de Souza Lima, em Bauru.

Apesar da recomendação feita na conferência, hoje ainda temos antigos hospitais-colônias em situações precárias espalhados pelo país. Ainda que se tenha descoberto cura e novas formas de tratamento, muitas são os doentes (atualmente, o Brasil apresenta a 2ª maior taxa de hanseníase no mundo). Vários são os motivos que geram essa dura realidade: falta de iniciativa política e de informação e modos de vida precários, levando a disseminação da doença. Por isso que movimentos sociais como o Morhan intensificam a luta pela reintegração de pessoas portadores da hanseníase na sociedade e pela eliminação de uma doença secular.

Morhan lança projeto para eliminação da hanseníase no RJ

Ciente de que a hanseníase tem cura e que, para tanto, precisa apenas ser devidamente diagnosticada e tratada, o Morhan (Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase), por meio de sua sede nacional no Rio de Janeiro, lançou em junho deste ano, o projeto “Acelerando a Eliminação da Hanseníase no Estado do Rio”, em parceria com a secretaria estadual de saúde do RJ.

Estiveram presentes na cerimônia de abertura, que aconteceu no Hotel Golden Park, no bairro Glória, Zamir Martins, chefe de gabinete da Secretaria Estadual de Saúde do RJ, Vera Andrade, da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas/OMS), Marilda Andrade, coordenadora da hanseníase da SES/RJ. O evento contou ainda com a presença de Elke Maravilha, assinando sua filiação ao Morhan e recebendo como padrinho Célio Gonçalves Marques, que já foi portador da doença e hoje se dedica voluntariamente a convencer pessoas a retomarem o tratamento da hanseníase. “Essa parceria é muito importante para o estado do RJ”, destacou Zamir. Durante o evento, ele anunciou o Dr.

Marcio Sued como oftalmologista responsável pela Oftalmologia em Hansen no Estado do Rio de Janeiro.

Esse projeto busca a participação ativa da sociedade, dos usuários e servidores da saúde, visando aumentar o nível de informação da população e para exigir maior compromisso de gestores municipais na eliminação da doença. Para tanto, vem realizando panfletagens, apresentações teatrais e doações de livros e cartilhas sobre a hanseníase para bibliotecas e escolas. Por outro lado, as ações do projeto dentro do município são pactuadas com os gestores locais, e os municípios aderem a proposta. Em contrapartida é feito um pacto pela reestruturação dos serviços, com a descentralização do tratamento para a atenção básica. Durante os meses de maio, junho e julho, o projeto esteve presente nas cidades de Araruama, Resende, Cachoeira de Macacu, Carmo do Rio Claro, São Gonçalo, Rio de Janeiro (capital), São José do Vale do Rio Preto, São João de Meriti.

Para Artur Custódio, coordenador do Morhan nacional, esse trabalho vem contribuindo para detecção precoce, diagnóstico e tratamento da doença, como também para assegurar que todos os usuários recebam medicamentos de combate à doença em seus municípios e contribuir para a diminuição da porcentagem de casos com seqüelas dentre os casos novos detectados no ano. “Além disso”, disse, “o projeto vem assegurar para o portador da hanseníase o exercício da cidadania sem restrições provocadas pelo estigma da doença”.

Por meio do projeto, que teve forte apoio do Secretário de Estado da Saúde, Gilson Cantarino e da Governadora do Estado, Rosinha Matheus, será possível manter 3 edições do histórico Jornal do Morhan, que também será distribuído em bibliotecas públicas do estado do Rio de Janeiro.



ARARUAMA/RJ



O grupo teatral do Morhan em mais uma iniciativa de educação em saúde pela eliminação da hanseníase



Artistas cedem suas imagens na luta contra a hanseníase



“O mesmo bacilo que me separou de meus pais, mais tarde, nos uniu”

Cristiano Torres



Aos 65 anos de idade, **Cristiano Torres**, que já teve hanseníase e importante colaborador do Morhan na luta contra a doença, tem muito a nos contar. Recentemente participou do revezamento da tocha olímpica, no Rio de Janeiro. Como disse, “foi um misto de alegria e responsabilidade e de reconhecimento do trabalho que desenvolve”. Cristiano que nasceu na antiga colônia do Prata, no Pará, foi separado de seus pais (que tinham hanseníase) para não ser contaminado pelo bacilo hansen. Mais tarde descobriu-se com o mesmo problema e, como ressalta, o bacilo que o contaminou foi responsável por separá-los e depois uni-los. Morando atualmente em uma antiga colônia na cidade de Marituba, a 13 quilômetros de Belém, no Pará, Cristiano aproveita qualquer oportunidade para dar esclarecimentos sobre a hanseníase e acabar com o preconceito em torno da doença. Nunca aceitou a exclusão dos doentes da sociedade. Por isso, que desde sempre lutou por liberdade e pela garantia de sua cidadania.

Morhan: Quando você descobriu ter hanseníase?

Cristiano: Meus pais eram portadores da hanseníase. Viviam na antiga colônia do Prata, no Pará. Ao nascer, em 1939, fui levado para a creche Santa Terezinha, em Belém, no Pará (hoje, Escola de Enfermagem do Pará). Mas separar-me de meus pais, não me livrou da doença. Em março de 1945, descobriram que fui contaminado pelo bacilo da hanseníase. Voltei a viver com meus pais na colônia. O mesmo bacilo que ao nascer me separou deles, mais tarde, nos uniu. Eu me pergunto: como um ser microscópico poder ter o poder de separar e unir indivíduos? Em 1949, já curado, fui morar em Belém (com meus pais e mais três irmãos). Em 1960, novamente fui contaminado. Fomos morar em Marituba, antiga vila de portadores da hanseníase. Na cidade, constituí família e ingressei no movimento social, para lutar contra o preconceito e o isolamento imposto às pessoas atingidas pela hanseníase. Lutar pelo direito a viver em sociedade foi difícil, pois na época a ciência ainda engatinhava e, como não tinha uma cura para a doença, exigia que nos isolássemos. Mas não desisti, costumava dizer que não estava no leprosário para morrer. Hoje, já curado, luto por acabar com o preconceito.

Morhan: Como superar esse preconceito em torno da hanseníase?

Cristiano: O preconceito gerado na sociedade é porque a hanseníase foi durante muito tempo vista como lepra, algo que não tinha cura. Essa idéia se arrastou, mesmo com o avanço da ciência, mesmo com a cura da doença. Acabar de vez com o preconceito requer esclarecer a sociedade a respeito da patologia.

Morhan: Em sua opinião, quais são os maiores males da hanseníase: as reações físicas ou psicológicas geradas pelo preconceito?

Cristiano: São duas coisas distintas, porém igualmente nocivas. As reações físicas são fortes. Sentimos dores terríveis. Um amigo de Marituba, por exemplo, chegou a bater com tanta força contra a pilastra para acabar com a dor que sentia no braço, e acabou quebrando o braço. O preconceito e a discriminação, por outro lado, são também marcantes. É como um ferro marcando o gado.

Morhan: Você foi um dos anônimos a carregar a tocha olímpica. Qual a importância dessa iniciativa? Qual foi sua sensação?

Cristiano: Carregar a tocha foi um prêmio. Foi um misto de alegria, de responsabilidade e de reconhecimento do nosso trabalho. Serviu para mostrar que temos potencial para ajudar no combate de uma doença que é milenar. Até porque dizem que eu fui a primeira pessoa, que teve a hanseníase, a participar de um evento olímpico. Mas devo a minha participação ao Morhan, a Zilda Arns da Pastoral da Criança (ela indicou Cristiano através da CNBB) e a todos que participaram do revezamento com muito respeito e consideração.

Voluntários mobilizados a combater a hanseníase

Na execução de um trabalho verdadeiro e eficaz de luta contra a hanseníase, o Morhan conta com o esforço de voluntários de todo o Brasil. São anônimos e artistas que ao longo de 23 anos de existência do movimento atuam das mais variadas formas na divulgação de eventos e da própria doença, no atendimento ao público ou na confecção e distribuição de materiais educativos, na garantia de direitos humanos entre outras ações. Hoje, mais um parceiro se integra ao trabalho do Morhan. Recentemente, o movimento fechou parceria com o grupo de voluntários da Claro, operadora de telefonia móvel no Brasil.

Essa parceria, que faz parte de um projeto de responsabilidade social, resume-se em mobilizar funcionários da operadora no atendimento ao público, na organização de eventos, entre outras iniciativas do Morhan voltadas para a redução dos índices de hanseníase no país e para a diminuição do preconceito. Para o trabalho, já estão cadastrados 25 funcionários. Para Flávia Constant, coordenadora de responsabilidade social da Claro, "a expectativa é que muitos outros venham também participar dessa parceria".

Por meio dessa iniciativa, a Claro visa incentivar ações voluntárias das mais de 3 mil pessoas que hoje fazem parte do seu quadro funcional. Além do Morhan, a operadora tem convênios firmados com várias organizações não-governamentais e instituições como a fundação Ronald Mac Donalds e o Instituto Nacional do Câncer (INCA).



O voluntariado no Brasil

O trabalho voluntariado tem como característica a doação pelos cidadãos de tempo, trabalho e talento para causas de interesse social e comunitário. É uma tradição brasileira que historicamente está vinculada às práticas religiosas e motivada pelos valores da caridade, compaixão e amor ao próximo.

Hoje, porém, esse conceito passa por uma transformação. Não apenas ligado a uma religião, o voluntariado traduz a prática de uma ética da solidariedade e da participação cidadã. Por isso que mais que apoio aos grupos mais vulneráveis da população, o trabalho de voluntários abrange as múltiplas iniciativas dos cidadãos nas áreas de educação, saúde, cultura, defesa de direitos, meio ambiente, esporte e lazer.

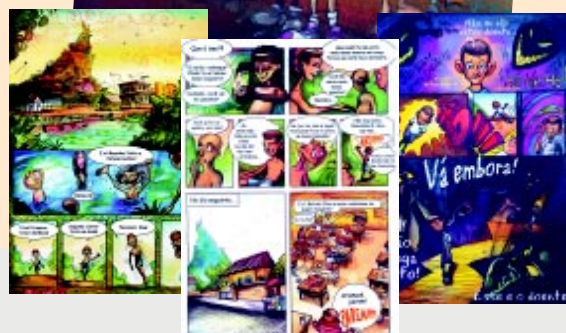
Tais iniciativas não substituí o papel do Estado nem mesmo o trabalho remunerado. Traduz apenas a capacidade da sociedade de assumir responsabilidade e de agir por si mesma. Para a sociedade, representa a abertura a novas experiências, a oportunidade de aprendizado, o prazer de se sentir útil, a criação de novos vínculos de pertencimento e a afirmação do sentido comunitário.

A afirmação que o trabalho de voluntários é uma tarefa cidadã e não uma função exclusiva do Estado foi evidenciada em uma pesquisa realizada pelo Datafolha, em 2001. Nela, 28% dos brasileiros haviam participado de alguma instituição ou campanha como voluntário. Desse total, 16% prestaram serviços para a comunidade e 12% estavam ainda prestando serviços. Comparado a uma pesquisa semelhante realizada em 1967, o trabalho voluntário cresceu em 40%. Além desse, 83% dos entrevistados consideraram o voluntariado muito importante para o país.

12 INICIATIVAS

De uns tempos para cá, cartilhas, histórias em quadrinho, livros, folderes e propagandas têm sido usados como instrumentos de informação e educação para eliminação da hanseníase no país. Exemplo desse trabalho é a história em quadrinho "Mazinho e a Mancha", patrocinado pelo Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (Conasems), pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas/OMS), pelo Ministério da Saúde e apoiado pela Rede Globo, em uma parceria do projeto Amigos da Escola com o Morhan. Com uma linguagem simples e divertida, característico das histórias em quadrinho, essa publicação vem alertar sobre o aparecimento de manchas que não causam dor pelo corpo, fala sobre as características da hanseníase e vem combater o preconceito que hoje ainda existe em torno da doença.

A tiragem foi de 85 mil exemplares e o MORHAN busca apoio para uma segunda edição.



SEÇÃO DE CARTAS

Cartas para essa seção deverão ser endereçadas a
Rua do Matoso, nº 06, sala 205
Praça da Bandeira – Rio de Janeiro/RJ
CEP 20270-132
E-mails poderão ser encaminhados para
jornal@morhan.org.br

Saudades de um grande colaborador

Borges foi um dos grandes colaboradores do Morhan. Durante muito tempo esteve isolado na antiga colônia de Águas Claras. Ele foi vice-coordenador nacional do Morhan, grande amigo e parceiro de Bacurau e meu também. Soube, através da poesia e de seus artigos, expressar todas as aspirações do Morhan. Era o Castro Alves do movimento. Militou até o último dia de sua vida na terra e com certeza estará nos apoiando onde estiver. Sua esposa e companheira Ana, nos deixou poucos meses depois, para acompanhá-lo.

Viva Borges! Viva Ana!

Artur Custódio (RJ)

Coordenador nacional do Morhan
(por e-mail)

Me deu uma saudade do Borges. E aí eu fui ler novamente o texto que escrevi sobre ele (ou melhor, sobre nós todos).

"Fazia muito frio na manhã do dia onze de julho de 2003. Às seis horas, eu e a Rose já estávamos a caminho do Aeroporto de Guarulhos para buscar nossos amigos. O Artur estava vindo do Rio de Janeiro e o Borges de Salvador; Coordenador e Vice-Coordenador do MORHAN para uma visita histórica à São Paulo (...). O Artur foi o primeiro a chegar e a primeira coisa que ele disse foi: "Que cidade fria". E devia estar com muito frio mesmo, pois estava sem agasalho (...). O Borges ainda ia demorar uns trinta minutos para chegar (...). E de repente ele surgiu, trazido por uma funcionária do aeroporto e apesar de estar numa cadeira de rodas, trazia no olhar a imagem de homem forte, corajoso e cheio de vida (...).

Depois de uma tarde bastante agradável, (...) nos despedimos e retornamos ao aeroporto. O Artur foi o primeiro a embarcar. O vôo que levaria o Borges estava atrasado e ficamos ouvindo suas várias histórias. Falou da doença que o atingira aos catorze anos de idade, dos seus amores, da sua companheira Ana, falou das coisas (e das pessoas) das quais precisou abrir mão no decorrer da vida. Falou de dor, mas também falou de amor: amor pela vida, pelas pessoas, pelo movimento. De vez em quando nos pedia para que fôssemos embora, justificando que estava ficando tarde para duas meninas voltarem sozinhas para casa. Assim era o Borges: amigo, bondoso, íntegro, uma fortaleza de oitenta anos (...)"

(para ler o texto na íntegra, acesse o site do Morhan, em www.morhan.org.br)

beijos, cheios de saudades.

Leda N Vilarin (SP)

(por e-mail)